



## ENTREVISTA COM AURORA BERNARDINI – A PROSA DE MARINA TSVETÁIEVA

Belkiss J. Rabello <sup>1</sup>

**RESUMO:** Em *Viver sob o fogo*, livro traduzido do russo pela professora Aurora Bernardini, o filósofo e lingüista búlgaro Tzvetán Todorov apresenta-nos Marina Tsvetáieva<sup>2</sup>, uma das maiores escritoras russas do século XX. Guiados por Todorov, mergulhamos em textos íntimos (cartas e diários) da poetisa. Através deles, conhecemos a conturbada época em que ela viveu, o seu universo, a sua sempre intensa vida, entrecortada por longos exílios e marcada por sérias crises. Seus textos permitem-nos conhecer também um pouco mais sobre Rainer Maria Rilke, sobre Boris Pasternak, sobre Puchkin até. Marina Tsvetáieva, ou a “estenógrafa do ser”, tinha absoluta consciência de sua genialidade. Depois de uma infância e adolescência privilegiadas, Tsvetáieva passa a enfrentar diariamente todos os tipos de dificuldades: seus textos e poemas são, muitas vezes, recusados pelos editores, a filha Irina morre num orfanato aos três anos de idade, falta comida, etc. Depois de 17 anos de vida no exterior – primeiro na Tchecoslováquia e, em seguida na França – volta com o filho adolescente para a URSS, onde já estão o marido e a filha Ália. É a época da invasão nazista. Marina Tsvetáieva suicida-se em 1941, aos 49 anos de idade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marina Tsvetáieva, prosa, poesia, exílio, autobiografia, literatura russa.

---

<sup>1</sup>Mestranda em russo (FFLCH-USP) e organizadora do livro *Contos da Nova Cartilha – Primeiro Livro de Leitura*, de L.N. Tolstói. E-mail: [bitebelkiss@uol.com.br](mailto:bitebelkiss@uol.com.br)

<sup>2</sup>Aurora Bernardini é professora titular de russo (FFLCH-USP).E-mail: [bernaur2@yahoo.com.br](mailto:bernaur2@yahoo.com.br)



In the book *Viver sob o fogo*, translated from Russian by Professor Aurora Bernardini, the Bulgarian philosopher and linguist Tzvetan Todorov introduces us to Marina Tsvetaieva, one of the most important Russian writers of the 20th. century. We have the opportunity to acknowledge of her time, her world, her life, her long exile and serious crises. Her texts help us to know something else about Rainer Maria Rilke, Boris Pasternak, even Pushkin. She called herself “the stenographer of being” and had full consciousness of her talent. After a privileged infancy and adolescence she had to face tragic circumstances: the death of her daughter Irina, starvation, unpublished poems, etc. After 17 years abroad she returned to USSR with her son to join her husband and daughter Alia. It was the time of Nazi invasion. She hanged herself in 1941, at the age of 49.

**KEY-WORDS:** Marina Tsvetaieva, prose, poetry, exile, autobiography, Russian literature.

**Belkiss Rabello:** Professora Aurora Bernardini, eu gostaria de começar pela estrutura do livro: embora o leitor saiba que tem nas mãos páginas e mais páginas de textos em prosa de uma das melhores escritoras russas do século XX, o excelente prefácio de Tzvetán Todovov chama a atenção pela alta qualidade e capacidade de concisão. Segundo o autor, os textos – cartas e diários íntimos – reunidos neste livro representam apenas cerca de um décimo do número de diários e de cartas da escritora. Todorov diz que a escolha dos textos foi subjetiva, mas que ele selecionou as cartas mais significativas e os trechos mais relevantes de seus diários. O que mais a senhora poderia nos contar sobre esse admirável trabalho de organização de Todorov?

**Aurora Bernardini:** Claro que é sempre melhor ler as obras completas de um autor, inclusive, como queria Tsvetáieva, em ordem cronológica. A memória de cada leitor privilegia a seleção que ela mesma faz. Diante da necessidade, porém, de um recorte, Todorov foi muito habilidoso. Soube reconstituir a vida através de uma montagem das cartas e trechos de diários da poeta. Bem mais interessante do que uma biografia descritiva, romanceada, narrada.



**Belkiss Rabello:** Sobre o poema “O encantador de ratos”, de Marina Tsvetáieva, Tzvetán Todorov diz que nele, ela sugere que o “poder da arte e da poesia é imenso, mas não significa que tenha que ser obrigatoriamente benfazejo: ele pode redundar em bem ou em mal”. Ele faz também uma espécie de interpretação muito interessante desse mesmo poema, calcando-se na vida e no destino de Marina Tsvetáieva. Eu gostaria que a senhora comentasse estas observações.

**Aurora Bernardini:** Na verdade quem sugeriu isso foi o próprio texto de Tsvetáieva. Às vezes, nas suas interpretações de fatos e de textos o comentador deriva para o subjetivo. Daí a importância das citações serem o mais completas possíveis para que o leitor as ligue a seu próprio mundo, ou, se conseguir, ao mundo da autora. Cada leitor é uma leitura.

**Belkiss Rabello:** É sabido que, além da poesia, também a maternidade era importante para Marina Tsvetáieva. Mas, no decorrer da leitura deste livro, percebe-se algo curioso: Tsvetáieva amava copiosamente sua primeira filha, Ália. Num período de extrema dificuldade, enviou Irina, sua segunda filha, para um orfanato, pois lhe era impossível sustentar as duas crianças. Foi uma escolha consciente. A única porção de sopa disponível na casa era destinada à Ália. Marina Tsvetáieva não escondia sua falta de amor por Irina que, por sua vez, parecia ser uma criança doente. Ália parecia-se com a mãe, e Irina não. Talvez, mais forte ainda do que o instinto de maternidade, fossem suas escolhas pessoais. Ou trata-se de uma maternidade não-racional, mais semelhante à dos animais, que são mais seletivos do que os homens, pois eles, mais do que nós, sabem que alguns vingarão e outros não?

**Aurora Bernardini:** Pode ser. Sua interpretação em termos de instinto animal é bem interessante. Talvez os psicanalistas tenham algo mais a acrescentar.



**Belkiss Rabello:** O mundo de Marina Tsvetáieva é o seu próprio reflexo: ela mesma criava suas paixões, e não precisava saber muito sobre essas pessoas que, muitas vezes, ela sequer conhecia pessoalmente. Poucas características básicas bastavam-lhe para que ela compusesse todo o resto: felicidade, sofrimento, poemas, cartas, diários, vida. De repente, tão rápido como começara, a paixão terminava. Suas “ênfatuções” serviram-lhe, principalmente, para impulsioná-la a escrever e para tornar sua vida possível. Tem-se a sensação de que ela precisava, fosse para sua vida ou para sua obra, não das pessoas, mas do “combustível” que essas paixões carregavam, e que era essencial tanto para seu mundo interior, ou sua poesia, quanto para seu mundo exterior, suas cartas e diários.

**Aurora Bernardini:** Sim, o “combustível” dela, conforme ela repete constantemente, era o fato de sentir-se necessária (mais: insubstituível) a certos eleitos. Chamava-o “amor”. Uma de suas preocupações mais freqüentes: “O que farei quando meu filho se desligar de mim?”

Quanto a suas paixões efêmeras, eram seu estímulo para escrever. Cultivava-as como tais, e chamava-as “romantismo”.

**Belkiss Rabello:** Parece haver algumas semelhanças entre Marina Tsvetáieva e Clarice Lispector: ambas tinham necessidade imperiosa de escrever. Para ambas a escrita era um meio de descobrir algum sentido na vida. Marina Tsvetáieva fala em “sensação do mundo”, em Clarice Lispector encontramos algo muito perto disso; Tsvetáieva fala que seu “mundo interior tem sido sempre o demasiado”, ou, “não vivo para escrever, escrevo para viver”. Enfim, semelhanças nas idéias, nas escolhas das palavras, embora uma fosse poeta e a outra prosista, mas, acima de tudo, semelhança na intensidade. Isso também chamou a sua atenção no decorrer da tradução deste livro?

**Aurora Bernardini:** Sim, especialmente o paradoxo de que para ambas viver era mais importante que escrever, só que para viver elas precisavam escrever. Marina escrevia mais em primeira pessoa, mesmo em sua prosa, que é quase sempre autobiográfica. Já nas peças de teatro conseguia dividir-se em várias personagens.



**Belkiss Rabello:** Em Marina Tsvetáieva percebe-se sacrifício e grande capacidade para amar. Ela exigia das pessoas aquilo que elas não podiam lhe dar, dizia preferir os seres às obras. Não haveria nisso certa contradição? Pois no decorrer da leitura deste livro, vemos que existiram pessoas que precisavam dela, mas não foram escolhidas, ao contrário, foram rechaçadas por ela. Existiram pessoas que a ajudaram, inclusive financeiramente, e ela dizia não amá-las.

**Aurora Bernardini:** Para Marina o amor não pode ser imposto nem implorado. É uma atração que sente em função de afinidades ou contrastes ou mesmo criações de sua própria fantasia. Nisso era muito lúcida e taxativa. Mas das pessoas que ela amava e que ela seduzia exigia ser amada acima de todas as outras. Foi assim com Pasternak, foi assim com Rilke. Às vezes ela conseguia. Foi assim com Max Volóchin, foi assim com o seu próprio marido. Quando ela não conseguia ou quando ela era substituída, abandonava a presa. Foi assim com Sonia Parnok, foi assim, no fim, com Pasternak.

**Belkiss Rabello:** Para Todorov, embora Marina Tsvetáieva pudesse ir muitíssimo longe na observação e na análise da consciência, ela conhecia apenas sua própria causa e, portanto, não poderia escrever um romance, pois romances exigem o conhecimento de uma pluralidade de consciências. Tsvetáieva parece ter arrancado tudo de que precisava de si mesma, não do mundo, nem das pessoas. Ela chegou aos céus e ao inferno em sua poesia partindo sempre de si mesma, portanto, toda a sua obra é autobiográfica e surpreendentemente rica. Seu talento para escrever, sua inteligência e sua vida parecem compensar a ausência – não incapacidade – de imaginação inventiva para criar.

**Aurora Bernardini:** Sim, mas ela criava os poemas inventando assonâncias, étimos, ritmos. Seus grandes reservatórios: a memória e a sensação, mais do que a razão, a lógica. Daí a importância do “instinto”, da “intuição”. Ela se conhecia bem, se entendia profundamente. Mesmo no aspecto mais terrível que era o seu instinto de morte.

**Belkiss Rabello:** No período entre 1917 e 1922, Marina Tsvetáieva escreveu algumas peças de teatro. Fale-nos um pouco sobre esse gênero dentro da obra de



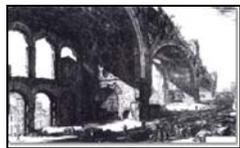
Tsvetáieva e sobre a importância de sua obra dramática no contexto da literatura russa. Trata-se também, como verificamos na prosa, da dramaturgia de um poeta?

**Aurora Bernardini:** No teatro imaginava personagens emblemáticas, muitas delas inspiradas na mitologia greco-latina, portadoras de alguma sua convicção. Só agora estão sendo conhecidas no Ocidente e, espera-se, representadas. O teatro só é vivo se encenado. Caso contrário não passa de um texto.

**Belkiss Rabello:** Retomando uma das perguntas anteriores, as escolhas de Marina Tsvetáieva colocaram-na à parte dos seres humanos: viver no absoluto; necessidade de intensidade máxima; a imagem e a simbologia do fogo, sempre presentes em seus escritos e pensamentos; a opção por seu caderno ao ser humano: “Nada pode ser uma alegria maior do que eu largar o caderno por um ser humano, senão a alegria de eu largar um ser humano pelo caderno”. É um mecanismo interessante. Qualquer bom psicoterapeuta gostaria de tê-la em seu divã. Obviamente, de outra maneira, sua obra tampouco seria o que é. Custou-lhe caro, talvez, mas esta parece ter sido, dentre todas as outras, a mais grandiosa e corajosa escolha de Tsvetáieva.

**Aurora Bernardini:** Escrever era o “dom” pelo qual tinha que prestar contas, sua missão na vida. Aquilo que a diferenciava e a elevava dos outros. Mas não era propriamente uma solitária. Provam-no, em suas cartas, a preocupação com os seus familiares, às vezes incompatíveis com seu escrever.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva criou Ália, sua filha, à sua imagem: “Sem mim ela, é claro, não escreverá nenhum verso, nem chegará perto do caderno, porque os versos - sou eu, e o caderno - é a dor”. Apesar de optar pelo caderno sempre, parece ser esta uma maneira de não se sentir só. Ela arrastou sua filha para o seu próprio mundo. E, ao menos durante sua infância, Ália parece ter sido uma das poucas pessoas a ter total permissão para participar desse mundo.



**Aurora Bernardini:** Ália, a filha favorita, vivia de Tsvetáieva, enquanto criança e, a mãe vivia dela, em um fenômeno talvez de simbiose. Mais tarde, já com o nascimento do terceiro filho Mur, a filha começa a distanciar-se até tornar-se hostil, na juventude.

**Belkiss Rabello:** Num determinado sentido, podemos dizer que, no caso de Marina Tsvetáieva, vida e obra são a mesma coisa, mas sua obra reflete de modo pouco intenso a vida cotidiana miserável que ela atravessou. Ela nos dá a impressão de ter passado pela mais cruel miséria quase sem senti-la, pois o que importava não era a vida, mas o seu caderno, mesmo que escrito com tinta diluída em água. Como conflitos como a Primeira Guerra Mundial, ou a Revolução de 1917, ecoam em seu trabalho?

**Aurora Bernardini:** Escrever poesia era a forma de transcender as misérias quotidianas, quando foi o caso. Escreveu poemas engajados contra a ocupação da Tchecoslováquia pela Alemanha excelentes, por sinal. Só que quando foi-lhe solicitado, várias vezes, na Rússia soviética (antes de partir e depois de sua volta, inclusive como ganha-pão) que traduzisse do alemão, ela se negou por “ não querer trair a pátria de sua mãe”. Tinha realmente alguns princípios arraigados ( mais instintivos que racionais) dos quais jamais abriu mão. Daí sua paixão pelo absoluto.

Quanto à Revolução de 17 e ao regime que se instalou, criticava (nas cartas) a massificação e a “ igreja triunfante” que impedia a liberdade do indivíduo, seu maior e mais utópico anseio, mas não ecoaram em seu trabalho poético. (Daí eu considerar subjetiva a interpretação dada por Todorov dos ratos do Encantador serem os soviéticos, por exemplo). Já na prosa era contundente: sabia expor os pontos essenciais de seu querer e de seu não querer. Ela, por exemplo, não gostava de Briússov e escreveu um ensaio arguto, dissecando-o.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva costumava dizer que tudo o que ela amava, ela já amava aos sete anos de idade, e que, depois disso, nada mais houve. Que tudo o que conheceu em idade adulta, ela já conhecia aos sete anos e que, depois disso, ela apenas tomou consciência. Numa carta de 18 de abril de 1911, endereçada a Maximilian



Aleksándrovitch Volóchin, ela critica a atitude daqueles que qualificava de “adultos bobos”, pessoas que não permitem que crianças leiam seus livros, ou seja, a literatura adulta. Segundo ela, as justificativas são “as crianças não podem compreender”, ou “é cedo demais para as crianças”, ou ainda “Quando crescerem elas mesmas irão descobrir”. E, em seguida, ela diz que as crianças compreendem demais e que “aos sete anos compreende-se melhor do que aos vinte os poemas de Lérmontov e de Púchkin. Como compreender isso?

**Aurora Bernardini:** Bem, Marina foi uma criança precoce, intensamente estimulada pelo ambiente familiar. O pai filólogo, a mãe musicista, ambos portadores de valores edificantes, entre os quais a importância do esforço, do “trabalho” – e isso vem reiterado em suas cartas – , juntamente com as viagens ao estrangeiro realizadas em tenra idade, fizeram com que, desde cedo, aprendesse outros idiomas, lesse muito, observasse muito, amadurecesse e gravasse. Por exemplo, antes dos sete leu o livro de mitologia grega, em alemão, que lhe inspirou uma galeria de personagens. Sem falar das histórias infantis ilustradas, dos episódios de história bíblica e universal, etc.

**Belkiss Rabello:** Quando a realidade mostrava-se intensa a ponto de interferir na sua imaginação, ou a ponto de agredir o mundo criado por ela, seja por suas inúmeras “enfatuações” , seja por qualquer outra fonte, Marina Tsvetáieva simplesmente interrompia-a para preservar sua alma. Por favor, comente um pouco essa característica da escritora.

**Aurora Bernardini:** Sim, interrompe enquanto pode. No fim, a realidade tragou-a, por ela não poder afastá-la mas, principalmente, por ela, devido a seus princípios, não admitir chegar a um compromisso com esta mesma realidade.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva não se inseria no cotidiano, sua maneira de “pisar” o cotidiano, ou de participar dele, seu modo de caminhar o chão da vida era sempre desajeitado. Ela não tinha nenhuma intimidade com o dia-a-dia. Se a necessidade obrigava-a a colocar a mão, ela o fazia sempre com cautela, sem saber se levaria um choque ou não. E, com a delicadeza do desajeitado, ao retirar a mão, algumas vezes segurando o objeto de



que ela necessitava no momento, sua fórmula usual de alívio era: “Resplandeço: deu certo!”.

**Aurora Bernardini:** Não é bem assim. Ela não tem intimidade com aquilo de que não gosta. Mas sabe muito bem do que gosta. E é extremamente taxativa no que quer ou não quer. Exemplo: ela não queria usar óculos, mesmo sendo míope. Apesar de tropeçar e enxergar borrado, não usa óculos. E na descrição de afetos e desafetos sabe ser bastante percuciente (apaixonada), sem cautelas.

**Belkiss Rabello:** Cada paixão de Marina Tsvetáieva originava um ciclo de poemas que, às vezes, era endereçado ao próximo eleito. Ela mesma dizia que entrava impetuosamente na vida das pessoas, que queria ajudá-las, que queria compadecer-se com elas, mas que elas se assustavam e iam embora. Em seguida, diz que queria leveza e liberdade, que não queria segurar ninguém e que não queria que ninguém a segurasse. Diz também que nunca amara a vida terrestre, em particular, as pessoas. E que era nos céus e entre os anjos que ela saberia viver. Parece ser fato que, a pessoas como ela, a simples alegria – excluindo-se aquela proporcionada pela natureza - é vetada. O que mais a senhora poderia comentar sobre isso?

**Aurora Bernardini:** A vida de Marina era feita de princípios (sensações, instintos, memórias, presságios), de ambivalências e de contradições. Orgulho e recato, silêncio e grito, czar e ladrão, andorinha e bruxa, são situações presentes em seus poemas.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva apreciava o *iat*, sinal duro da língua russa. Fale-nos sobre o proveito que ela tirava dele em seus versos.

**Aurora Bernardini:** Ela fazia questão de escrever segundo o alfabeto anterior ao que a revolução simplificou justamente para afirmar a importância do passado que ela fazia questão de preservar. O *iat* é uma letra do alfabeto antigo que foi abolida. Era uma postura mais existencial do que política.



**Belkiss Rabello:** Gorki não gostava da poesia de Tsvetáieva, considerava-a maneirada, histórica e impudica... Teria ele alguma razão?

**Aurora Bernardini:** Conforme a maneira com que se expressam na poesia, podem ser qualidades. Com certeza, na poesia dela eram qualidades.

**Belkiss Rabello:** Embora suas babás tivessem sido francesas, alemãs, mas nunca russas, embora ela tenha passado parte da infância e da adolescência fora da Rússia e embora nunca tenha vivido em nenhuma aldeia de seu país, o elemento popular é muito forte na obra de Tsvetáieva. Como entender isso? Talvez o folclore faça parte do inconsciente russo? Talvez as leituras de sua infância, como versos de Púchkin e Lérmonov, tenham nela depositado de maneira decisiva o folclore?

**Aurora Bernardini:** Sim, a leitura dos grandes clássicos russos inspirou-a muito. Suas fantasias eram em grande parte livrescas, inclusive toda a fase de paixão pelo “*aiglon*”, o filho de Napoleão.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva escreveu “O poeta e a crítica”, um longo texto teórico. Quais são os outros textos teóricos escritos por ela? Neles, ela consegue ser realmente crítica, ou a sua personalidade interfere a ponto de ela subjetivá-los em demasia?

**Aurora Bernardini:** Há alguns ensaios dela sobre as personalidades que marcaram sua vida que são extremamente interessantes: sobre Biéli, sobre Volóchin, sobre Púchkin, sobre Maiakovski, Pasternak, Briússov...ela consegue ser ao mesmo tempo subjetiva e objetiva (à moda dela)

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva escreveu várias Memórias líricas, textos em prosa, portanto, nos quais ela discorre sobre suas lembranças da infância, seus pais, amigos, sobre poetas e artistas. A autobiografia que Pasternak lhe sugerira escrever, e que Tsvetáieva disse não ter sido escrita, está, na verdade, no conjunto de sua prosa, de uma prosa que já é autobiográfica.



**Aurora Bernardini:** Sua prosa é uma extensa autobiografia.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva dizia que “para cada coisa deve haver a sua e única palavra”. Conta-nos também que ela passou dias procurando a palavra ideal para um verso, que lavou louça pensando naquela palavra e que, muitas vezes, não a encontrou. Escrever bem é algo sério, difícil e trabalhoso, tanto quanto chegar ao cálculo exato ou a um diagnóstico preciso. Na Rússia, mas não apenas lá, o equivalente ao curso superior de Letras é extremamente disputado e os candidatos podem, muitas vezes, preparar-se durante anos até conseguirem uma vaga. O que vemos aqui é, infelizmente, bastante diferente: vários casos de alunos despreparados ou, muitas vezes, casos de pessoas que, oriundas de áreas totalmente estranhas às línguas e literaturas resolvem traduzir, escrever ou, ainda, ingressar num curso qualquer de Letras. Nós não podemos construir túneis e pontes simplesmente porque gostamos dessas invenções, não podemos medicar pessoas ou animais porque não nos preparamos para isso. Não temos, enfim, o direito de prejudicar outros seres. Mas, ao que tudo indica, ninguém se importa com a alma, ou seja, tradutores despreparados, escritores desprovidos inclusive de talento estão livres para prejudicar a alma de qualquer pessoa menos avisada.

**Aurora Bernardini:** “*La carrière est ouverte aux talents*”, mas poetar é um dom mais raro e sua carreira mais difícil.

**Belkiss Rabello:** É na poesia que Marina Tsvetáieva coloca ordem em tudo. Seria essa poesia a essência coada, espremida, filtrada, destilada de sua prosa?

**Aurora Bernardini:** Sim, é uma destilação e uma essencialização da prosa e da vida.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva dizia que a sua poesia não vinha da cabeça, e que tampouco era destinada à cabeça. Ao poeta e crítico Iuri Ivask, diz não entender sobre



“metros complexos”, expressão por ele usada ao analisar a poesia dela, porque ela nada entendia de teoria, pois escrevia de ouvido. O dom, quando de fato existe, pode bastar...

**Aurora Bernardini:** Não basta e ela sabe disso. No livro há um capítulo em que ela mostra a André Gide a arte de traduzir Puchkin. É uma das melhores aulas de tradução literária que já tive.

**Belkiss Rabello:** Para Marina Tsvetáieva, a prosa pode ser perfeita, como o é a prosa de Tolstói. Segundo ela, a “prosa é a vida retrabalhada em palavras”. Ainda para ela, a prosa de um poeta é excepcional e a poesia de um prosador é execrável, à exceção de Goethe. Qual é a sua opinião?

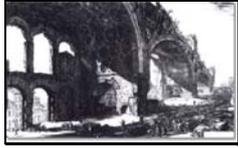
**Aurora Bernardini:** Sim, melhor a prosa de um poeta do que a poesia de um prosador.

Mas pode haver exceções. Ambas as modalidades têm seus modos de ser, diferentes, é claro. Eu, por exemplo, não aprecio nem prosa poética, nem poesia em prosa. Ou é gato ou é lebre. Mas é uma opinião pessoal, claro.

**Belkiss Rabello:** Por que ela encontrava tanta resistência por parte dos editores franceses?

**Aurora Bernardini:** Porque não era “*ni ange ni bête*”, (ou anjo quando eles esperavam que fosse diabo, e vice-versa). E, para eles, nem sequer surrealista.

**Belkiss Rabello:** Marina Tsvetáieva dizia que versos não rimados são versos a serem escritos, e que apenas a intenção está neles. E justifica-se: “Por que eu rimo? Como se houvesse um porquê para rimar! Pergunte ao povo por que ele rima! Pergunte a uma criança por que ela rima! E aos dois o que é rimar.” O que a senhora poderia comentar sobre isso? Podemos pensar em reflexo da poesia oral?



**Aurora Bernardini:** É uma concepção de poesia ligada ao pensamento da escola de Vico: poesia como ritual. É um impulso atávico da natureza humana, muito além da tradição oral e das leituras de poesia.

São Paulo, novembro de 2007.

TSVETÁIEVA, M. *Vivendo sob o fogo*. S. Paulo. Martins Editora. 2007.